



## **CULTURA E POLÍTICA LIBERTÁRIA NO RIO DE JANEIRO -1900-1920**

**BARBARA CRISTINA SOARES PESSANHA\***

Nesta apresentação pretendemos perceber como as práticas e representações da cultura anarquista, entre as duas primeiras décadas do século XX, na cidade do Rio de Janeiro atuaram na formação da identidade operária.

Através, principalmente dos periódicos "Na Barricada", e "A Vida", destacar a importância desta cultura militante, como um dos elementos constitutivos na formação de uma possível cultura(s) de classe, pensando os espaços culturais, como os jornais, centros de estudos, conferências, lugares onde estes trabalhadores vão compartilhar, experimentar e reinterpretar essas doutrinas libertárias.

Num mundo do trabalho tão diversificado quanto o do Rio de Janeiro do período, em relação aos gêneros, aos grupos étnicos, as idades, consideramos oportuno perceber como esta cultura libertária atuou na construção de uma identidade operária.

No início das minhas pesquisas sobre o tema, alguns autores mais tradicionais, principalmente ligado a estudos do movimento operário me deram o arcabouço acadêmico inaugural, onde o clássico do Bóris Fausto, Trabalho Urbano e Conflito Social<sup>1</sup>, Fausto analisa as chamadas correntes organizatórias e seu campo de incidência, propõe um estudo sobre as culturas militantes do período (1890-1920) refletindo sobre como e quais ideologias influenciaram a organização e mobilização dos operários no Brasil, apesar dele deixar bem claro, que suas análises se referem principalmente aos dois principais centros industriais do período, a saber, Rio de Janeiro e São Paulo.

Dentre as "grandes linhas ideológicas" ele destaca o anarquismo, defendendo que esta doutrina foi a mais influente no movimento operário, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, mas segundo o autor, em São Paulo essas ideias foram mais homogêneas na formação do operariado.

---

(\*) Mestranda em História Política do PPGH da UERJ

<sup>1</sup> FAUSTO, Bóris. Trabalho Urbano e Conflito Social. São Paulo, Difel, 1977.

Para Fausto, no Brasil o anarquismo teria encontrado um terreno fértil, já que:

“A política oligárquica podia assim ser facilmente identificada com a política em geral, um sujo e monótono jogo destinado a perpetuar o autoritarismo dos exploradores. Em um país como o Brasil, onde imperava uma ordem política fortemente excludente, é fácil perceber como a rejeição desta instância podia ser atraente também para elementos das classes populares nacionais. O reino da política não era o campo específico de confrontação dos diferentes interesses de classe, mas a área privilegiada de ação dos “ricos”, todos eles mais ou menos iguais em suas intenções de explorar em proveito próprio e de seus afilhados a máquina estatal.”

Na afirmação acima ele relaciona a crescente importância das ideias libertárias entre operários estrangeiros e brasileiros como uma relação direta de uma “sociedade excludente”, numa república oligárquica, onde a participação da vida política do país era restrita, esta corrente ganhava maior legitimidade entre os trabalhadores, diferente de outras correntes militantes, como a socialista, que previa a transformação pela via política partidária.

Outros autores também destacam a importância da doutrina anarquista, e da sua crescente influência sobre o mundo do trabalho no início do século XX, tais como Angela de Castro Gomes e José Murilo de Carvalho. Ambos percebem que as estruturas excludentes e autoritárias, da república recém proclamada, geram uma grande frustração em setores sociais diversos, que acreditavam num sistema mais participativo, como os socialistas. A crescente frustração aliada as péssimas condições de vida dos trabalhadores, a grande exploração, que assolavam os operários nacionais e estrangeiros, fizeram as ideias anarquistas, que de forma mais radical contrariava qualquer forma de poder, ter maior significado entre os operários do Rio, que cada vez mais passaram a lutar contra a grande exploração que sofriam.

Fausto ainda destaca a preocupação das doutrinas anarquistas em formar um “novo homem”, tendo como um dos instrumentos de mobilização entre os trabalhadores a organização de espaços culturais que deveriam possibilitar a liberdade plena dos indivíduos, a educação, a imprensa, o teatro, deveriam ser voltados para moldar esse

indivíduo, “o anarquismo busca dar resposta a um difícil problema: como criar, com gente dominada, uma sociedade livre?”

É o que também afirma o trabalho de Angela de Castro Gomes<sup>2</sup>, onde ela defende que havia entre os libertários, “um grande esforço no sentido de construir uma *“palavra operária”*(...)”.

Como uma das culturas militantes que estavam em disputa na construção de uma identidade operária no Rio de Janeiro das primeiras décadas do XX, o anarquismo buscou também na educação, essa mudança de consciência no trabalhador, percebendo o quanto era importante fundar escolas baseadas nas ideias libertárias, sobre este tema se debruça a pesquisa da professora Angela Maria Souza Martins, sobre *“Educação Libertária na Primeira República”*<sup>3</sup>, opondo-se à educação predominante do período, com um forte viés religioso, a pedagogia libertária pretendia romper radicalmente com os valores e princípios católicos e capitalistas, defendendo um ideário racional e libertário.

A professora Angela Roberti Martins na tese<sup>4</sup> do seu doutorado também teve o anarquismo como elemento central, no caso da sua pesquisa ela priorizou as representações culturais no campo das imagens dos periódicos libertários, especialmente as representações do gênero feminino. A imprensa libertária se consolidou como o principal meio de propaganda de uma possível identidade operária baseada nos conceitos anarquistas, percebendo a importância da *“propaganda pela palavra”*, onde os jornais, as escolas buscavam formar pessoas conscientes, livres, solidárias.

Nas últimas décadas, os trabalhos sobre mundo do trabalho foram construindo novos caminhos explicativos, e um autor muito importante para essas novas explicações foi o inglês E.P. Thompson, no seu clássico *“Formação da Classe Operária Inglesa”*, ao defender que “classe” é um *“fenômeno histórico”*, não é algo estático e imposto, visto que ela se constrói entre as relações humanas no tempo e no espaço, não é algo

---

<sup>2</sup> GOMES, Angela de Castro. A Invenção do Trabalhismo.p.90

<sup>3</sup> MARTINS, Angela Maria Souza. Núcleo de Estudos em Educação Brasileira – NEB-UNIRIO.

<sup>4</sup> MARTINS, Angela Maria Roberti. Pelas páginas Libertárias: Anarquismo, Imagens e Representações. São Paulo, PUC, 2006.

homogêneo e puro, mas marcada por práticas e experiências múltiplas, essas ideias acerca da noção de classe influenciou muitos trabalhos sobre o mundo do trabalho e do papel do anarquismo neste processo de formação de uma classe operária no Brasil.

A influência da historiografia social inglesa priorizando as características peculiares culturais da classe operária, marcadas por diferentes contextos históricos, e os processos simbólicos que perpassam o próprio processo de sua formação e reconfiguração de uma cultura operária, como um campo importante de análise.

No Brasil, um grupo de historiadores da Unicamp tiveram esse campo de análise, uma área de destaque de seus trabalhos, tais como Claudio H.M. Batalha, Fernando Teixeira da Silva e Edilene Teresinha Toledo, tendo o mundo do trabalho como temas de seus trabalhos, assim como na edição de livros voltados para este tema.

As pesquisas passaram a defender a importância de estudar o mundo do trabalho, não apenas sobre o espaço produtivo, fabril, mas também de refletir e pesquisar os lugares de convivência, de recreação, de reuniões, de estudo, desta forma o universo de pesquisa se ampliou, as preocupações que eram mais voltadas para a economia, nas últimas décadas se amplia em relação às práticas culturais, elementos constitutivos da vida cotidiana passaram a ser decisivos para o entendimento da formação da classe operária no Brasil.

Assim a historiografia brasileira, ao se basear na história social defendendo o “*fazer-se classe*”, destaca a importância da cultura e expectativas herdadas e compartilhados pelos trabalhadores, assim como passa também a se preocupar sobre o espaço de convivência desses trabalhadores, as experiências compartilhadas naquele lugar, dos grupos étnicos que constituíram essa identidade operária no Brasil, e no caso da minha pesquisa, mais especificamente o Rio de Janeiro.

Desta forma considero que o anarquismo se destacou, por sua defesa da “*ação direta*”, que negava a política institucional, uma ação política sem intermediários, sem representantes, sem partidos políticos, num país como o nosso, onde na época o direito a voto era para poucos, e ainda marcado por fraudes, a saída libertária pareceu mais próxima das experiências compartilhadas pelos trabalhadores.

Um outro trabalho importante para o avanço das pesquisas nesta área foi o “*Culturas de Classe*” editado pela Unicamp, organizado pelo já citado Cláudio H.M. Batalha, Fernando Teixeira da Silva e Alexandre Fortes, esta coletânea reúne autores do brasileiros e estrangeiros, tentando construir um cenário mais completo sobre a(s) cultura(s), com enfoques que priorizam a cultura e o cotidiano na vida operário, em espaços geográficos e históricos distintos.

Deste livro gostaria de destacar as discussões elaboradas por Mike Savage<sup>5</sup> e Neville Kirk<sup>6</sup>, ambos ingleses, que se preocupam sobre os dilemas da nova historiografia sobre o mundo do trabalho na Inglaterra, mas que considero também relevante para o cenário brasileiro, e que me ajudou a refletir sobre a ideia de classe e identidade.

Mike Savage inicia sua análise sobre classe e história do trabalho, abordando os dilemas do fim do século XX, fim da URSS, crise do socialismo, e assim como outros campos da História, o mundo do trabalho também verá um dos seus conceitos essenciais, classe, ser revisionado e, inclusive questionado, faz uma breve trajetória na historiografia inglesa e estadunidense. O autor discute sobre as dificuldades na defesa do conceito de classe, e que a historiografia estadunidense e inglesa, influenciada pelo cultural turn, apresentou uma tendência que desvaloriza a história do trabalho, especialmente a corrente marxista, simplificando o conceito de classe, mas não foram capazes de construir análises históricas que respondam as dúvidas acerca da história do mundo do trabalho.

O autor defende um novo caminho para se pensar a formação da classe operária, e percebe como um elemento distintivo da vida do trabalhador a ideia da “*insegurança estrutural*”<sup>7</sup>, para os trabalhadores, no sistema capitalista, é necessário *encontrar meios de sobrevivência, “táticas” que os trabalhadores desenvolvem e compartilham, pressões da vida operária, que levam a diferentes formas culturais e políticas.*

---

<sup>5</sup> SAVAGE, Mike. Classe e história do trabalho.in: BATALHA, Claudio H.M., SILVA, Fernando Teixeira, FORTES, Alexandre (orgs).Culturas de Classe. Editora: Unicamp, São Paulo.2004.p:25-48.

<sup>6</sup> KIRK, Neville.Ibdem.p.: 49-70

<sup>7</sup>SAVAGE, Mike. Classe e história do trabalho.in: BATALHA, Claudio H.M., SILVA, Fernando Teixeira, FORTES, Alexandre (orgs).Culturas de Classe. Editora: Unicamp, São Paulo.2004.p:33

E finaliza defendendo que a formação da classe, pode se desenvolver por diversas esferas, de tempo, gênero e espaços, não vê uma relação determinista nesta formação, muito pelo contrário, afirma que *“devemos visualizar tempo e espaço não como pano de fundo da análise histórica, mas fundamentalmente, como parte intrínseca do próprio processo de mudança histórica”*.<sup>8</sup>

O trabalho de outro estudioso inglês, Neville Kirk também reflete sobre o conceito de classe, e seus dilemas na contemporaneidade, na sua análise destaca o caráter heterogêneo que marca a cultura e a própria formação de classe, acredita que há muitas disputas e diferenças no interior da cultura operária, mas que esta característica não impossibilita a sua formação.

Pensando sobre a minha pesquisa, entre os próprios havia uma grande diversidade de ideias, de correntes, étnica, mas que esta marca do operariado no Rio, não implicou na impossibilidade de compartilhar e construir um projeto comum de uma cultura militante libertária.

E pensando de uma forma mais ampla sobre o mundo do trabalho, o autor destaca que a *“noção segundo a qual a diversidade automaticamente interdita o mutualismo e a solidariedade de classes. Elementos tanto de diversidade e semelhança quanto de divisão e unidade coexistem entre os trabalhadores. Precisamente, as habilidades da pesquisa histórica residem em extrair e investigar a contínua interação e a correlação de forças entre aqueles elementos, longe da estática e da fixidez (...)”*<sup>9</sup>

Percebemos, que os autores ingleses analisados neste texto ressaltam em suas análises sobre a classe, o seu papel diversificado e fluido, e é exatamente estas características que se opõe a uma visão estruturalista, onde essa era vista como uma categoria, pronta e estática, é o que marca a possibilidade de uma cultura de classe, ou como o próprio livro prefere utilizar, culturas de classe.

Em relação ao Brasil, e ao tema da minha pesquisa estas discussões são centrais, já que acreditamos que as práticas culturais libertárias foi um destes elementos

---

<sup>8</sup> Ibidem. P:44

<sup>9</sup> KIRK, Neville.Ibidem.p.: 53

constitutivos na formação desta cultura operária que germinava no Rio de Janeiro no início do século XX, e vemos os jornais como uma importante fonte para o entendimento de como conviviam e se moldavam essas experiências entre os trabalhadores, da cultura herdada e compartilhada pelo diversificado operariado do Rio, assim como as doutrinas libertárias foram representadas e resignificadas neste mundo do trabalho.

Pensando sobre as relações entre o que era peculiar desse operariado e quanto o que era geral, macro, neste mundo, percebemos que a formação das classes operárias no Rio foi intimamente ligada à própria formação de uma cultura militante. Como afirma a historiadora Jacy Seixas, “(...) Penso que o processo de formação das classes trabalhadoras no Brasil corresponde a um processo histórico análogo: o de formação de seus militantes. (...)”<sup>10</sup>

Então vamos às fontes, e tentar perceber como essas ações e interações, dos militantes e da sociedade que eles pretendiam transformar interagiram. Os dois periódicos que vou abordar nesta apresentação circularam entre os anos de 1914-1916, a revista *A Vida* circulou entre novembro de 1914 a maio de 1915, era dirigida pelo libertário Francisco Viotti, e nos seus 7 números, nomes de destaque escreveram na mesma, tais como: Fabio Luz e José Oiticica.

Apresentam-se como uma obra de ideias, e nos seus números temos análises da conjuntura política do Brasil e do mundo, com um grande destaque para a primeira guerra (1914-1918).

Destaque por ser um palco de debates, diversos números apresentam uma discussão teórica entre o editor e uma importante liderança positivista do período, Teixeira Mendes, uma outra corrente ideológica, que para Angela de Castro também estava na disputa da “fala operária”.

Como o anarquismo defende a formação de um novo homem, este deve se livrar da ignorância, deve ler os “clássicos” dos libertários, os que trará a luz, o conhecimento para os trabalhadores. Assim há colunas, com o objetivo maior voltado

---

<sup>10</sup> SEIXAS, Jacy. *Acerca del militante anarquista: sensibilidad, cultura y Ética política*. São Paulo Y Rio de Janeiro, 1890-1920.

para a formação intelectual, como a coluna do “Catecismo anarquista”, traduções de Kropotkin, Reclus, e ainda uma “Bibliografia brasileira sobre a questão social”.

Outro elemento importante que considero para a formação desta identidade operária foi a preocupação em compartilhar não só ideias, mas também experiências de luta e resistência, tanto cultural, como as conferências citadas, livros publicados, e também a defesa das greves e denúncias de exploração de patrões.

O jornal *Na Barricada* teve uma vida mais longa, circulou entre os anos de 1915 a 1916, era uma edição semanal, por isso temos um acervo bem maior desta fonte, se comparada a revista *A Vida*. Seu editor principal foi Orlando Correa Lopes, mas tinha como colaboradores afincos, nomes que já destacamos, como Fabio Luz, além de Pedro de Couto, Maurício de Lacerda, Lopes Trovão, entre outros.

Dentro das diversas colunas destacamos “o que penso”, “Pelos theatros”, “Opiniões, Documentos, Factos”, e a página final, cujo título “O proletário militante” compartilhava e informava sobre as ações dos trabalhadores que resistiam à exploração, informando sobre greves, os muitos sindicatos e suas ações, as reações de patrões e Estado em relação à militância dos operários, criticando principalmente a reação autoritária da polícia.

Nestas colunas podemos perceber a importância destes jornais na construção de uma identidade operária, que ultrapassa o espaço fabril e sindical, ao compartilhar atividades de lazer como o teatro e bailes organizados por espaços de militância libertária, também preocupados com o espaço do ócio, como importante para a formação deste *novo homem*, percebendo as práticas culturais como um elemento essencial para a consolidação da doutrina anarquista no Rio do período analisado.

Desta forma nesta apresentação pretendo refletir sobre a importância da doutrina anarquista, e suas múltiplas ramificações, no desenvolvimento de práticas culturais que influenciaram o mundo do trabalho no Rio de Janeiro, destacando suas preocupações em desenvolver um “roteiro” de libertação dos trabalhadores através da Imprensa, da Literatura, dos Centros de Estudos, das Conferências e Desfiles, que possibilitaria a construção de uma nova sociedade, baseada nos princípios anárquicos.

## Referências bibliográficas

### Referências Bibliográficas:

ADDOR, Carlos Augusto. *A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : Dois Pontos Editora Ltda, 1986.

ADDOR, Carlos Augusto, Deminicius, Rafael (org.). *História do Anarquismo no Brasil* – volume:2:Achiamé, 2009.

BATALHA, Claudio H.M. A formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In Ferreira, Jorge, DELGADO, Lucília de A. Neves (orgs.). *O Brasil Republicano I*. Rio de Janeiro,2016 p.163-189.

Batalha, Claudio H.M. A formação da classe operária e projetos de identidade coletiva.p163

BATALHA, Claudio H.M., SILVA, Fernando Teixeira, FORTES, Alexandre (orgs). *Culturas de Classe*. Editora: Unicamp, São Paulo.2004.

CARVALHO, José Murilo. *Os Bestializados: a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CHALHOUB,Sidney. *Cidade Febril – Cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo. Cia das Letras. 1996.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: Difel, 1990.

FAUSTO, Bóris. *Trabalho Urbano e Conflito Social*. São Paulo, Difel, 1977.

GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. São Paulo.Editora Revista dos

Tribunais, 1988.

HOBBSBAWN, Eric J. *Rebeldes primitivos: estudo sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro. Difel, 1978.

LIDA, Clara E. & Yankelevich (comps). *Cultura y política del anarquismo en España y Iberoamérica*. México D.F.: El Colégio de México, 2012.

MARTINS, Angela Maria Souza. Núcleo de Estudos em Educação Brasileira – NEB-UNIRIO.

[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos\\_pdf/Angela\\_Maria\\_Souza\\_Martins\\_artigo.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Angela_Maria_Souza_Martins_artigo.pdf)

MARTINS, Angela Maria Roberti. *Pelas Páginas Libertárias: Anarquismo, Imagens e Representações*. São Paulo, PUC, 2006.

RODRIGUES, Edgar. *Os libertários – ideias e experiências anárquicas*. Petrópolis, Ed.: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. *Os Companheiros 1*. Rio de Janeiro, VJR editores associados, 1994.

THOMPSON, Edward P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. São Paulo. Paz e Terra, 2011.